

Poemas completos de Alberto Caeiro





FERNANDO PESSOA

Poemas completos de Alberto Caeiro

ANTOLOGIA

Apresentação, organização,
notas e comentários críticos

Carlos Felipe Moisés

ea
editora ática

Poemas completos de Alberto Caeiro
© Carlos Felipe Moisés, 2006

gerente editorial Fabricio Waltrick
editora Lígia Azevedo
editora assistente Fabiane Zorn
edição de texto Paulo Nascimento Verano
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisoras Bárbara Borges e Cláudia Cantarin

ARTE

projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
imagem da capa Herança, 2007, obra de Thiago Rocha Pitta
coordenadora de arte Soraia Scarpa
assistente de arte Thatiana Kalaes
diagramação Ludo Design
tratamento de imagem Cesar Wolf, Fernanda Crevin
pesquisa iconográfica Angelita Cardoso, Silvio Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P567p
2. ed.

Pessoa, Fernando, 1888-1935

Poemas completos de Alberto Caeiro / Fernando Pessoa;
[organização Carlos Felipe Moisés]. - 2. ed. - São Paulo: Ática, 2013.
160 p. (Bom Livro)

Apêndice

ISBN 978-85-08-16419-6

1. Poesia portuguesa. I. Moisés, Carlos Felipe. II. Título. III. Série.

13-02308

CDD: 869.1

CDU: 821.134.1-1

ISBN 978 85 08 16419-6

CL: 738129
CAE: 458681

2019
2ª edição
2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2007
Avenida das Nações Unidas, 7221 | Cep 05425-902 | Pinheiros | São Paulo | SP |
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Uma aprendizagem de desaprender 7

O guardador de rebanhos 31

Nota sobre o texto 33

Poemas 35

Comentário crítico 53

Poemas 55

O pastor amoroso 73

Nota sobre o texto 75

Poemas 77

Comentário crítico 81

Poemas inconjuntos 83

Nota sobre o texto 85

Poemas 87

Comentário crítico 95

Poemas 97

Documentos 119

Carta sobre a gênese dos heterônimos (a Adolfo Casais Monteiro) 121

Notas para a recordação do meu mestre Caeiro (por Álvaro de Campos) 131

Indicações de leitura 137

Resumo biográfico 141

Outras edições de Alberto Caeiro 147

Índice dos primeiros versos 149

Obra da capa 157



UMA APRENDIZAGEM DE DESAPRENDER

Carlos Felipe Moisés

Poeta, crítico literário e tradutor. Especialista em Fernando Pessoa, é mestre, doutor e livre-docente em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo (USP).

Heterônimo x pseudônimo

Fernando Pessoa (1888-1935) é um dos mais prestigiados escritores de língua portuguesa do século XX, sendo conhecido desde o início da carreira como “o poeta dos heterônimos”. Em princípio, nada muito complicado: “heterônimo” é um nome falso ou fictício, adotado não para encobrir a identidade do autor (como acontece com o “pseudônimo”), mas para expressar uma identidade ou personalidade imaginária, diferente da do autor. Casos de escritores que utilizaram pseudônimos são comuns na história literária: Alceu Amoroso Lima (1893-1983), o grande crítico do modernismo, assinou vários de seus livros e artigos com o nome falso “Tristão de Ataíde”; Mário de Andrade (1893-1945), um dos líderes do mesmo movimento modernista, se escondeu sob o pseudônimo “Mário Sobral” em seu livro de estreia, *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917); o dramaturgo e ficcionista Nelson Rodrigues (1912-1980) adotou o pseudônimo “Suzana Flag” numa série de crônicas e em mais de um romance, em certa fase de sua carreira; e assim por diante. Já o caso do escritor que cria diferentes personalidades literárias, cada qual com seu estilo próprio, é mais raro. A maioria dos críticos, na verdade, acredita que o poeta português seja caso único, mas alguns detectam em outros escritores, de outros idiomas, fenômeno semelhante — como no poeta espanhol Antonio

Fernando Pessoa
caminhando
numa rua da
Baixa, em
Lisboa, 1927.

Machado (1875-1939) ou no irlandês, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1923, W. B. Yeats (1865-1939). Em nenhum, porém, a criação de diferentes máscaras ou sujeitos líricos corresponde a um processo tão sistemático e tão criteriosamente concebido como em Fernando Pessoa, o único a inventar personalidades completas e acabadas como Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Bernardo Soares e tantos outros heterônimos, cada qual com sua obra inconfundível e suas características peculiares¹.

Ao longo dos anos, a questão dos heterônimos, como várias outras suscitadas pela produção singular desse autor, tem sido amplamente analisada e discutida pela crítica, que até hoje não chegou a uma solução definitiva para muitas dúvidas. Isso talvez seja mais um indício da grandeza da obra: parece inesgotável o estímulo estético e intelectual que daí emana.

O que se pode afirmar é que os heterônimos evidenciam o alto poder imaginativo do poeta, sua invulgar capacidade de fantasiar e de dar forma literária convincente e plausível, enquanto linguagem, à sua imaginação. Nesse sentido, podemos entender os heterônimos como equivalentes a personagens — de um romance ou novela, por exemplo. Teríamos então personagens-poetas que, em vez de protagonizarem as peripécias de um enredo (como numa novela ou romance), limitam-se a escrever os seus poemas.

Este livro não pretende aprofundar as questões acima anunciadas. Nosso propósito, mais modesto, é fazer um recorte no amplo e variado conjunto da obra pessoana e concentrar a atenção em apenas um de seus heterônimos: Alberto Caeiro. Caso não tenha lido nada de Fernando Pessoa, nem tenha ouvido falar do poeta criador de heterônimos, o leitor encontrará aqui um conjunto de poemas que têm personalidade própria e um estilo peculiar, e que poderão ser lidos como se se tratasse de um poeta independente — do mesmo modo como se leria outro poeta qualquer.

Claro, isso é só um ponto de partida. Lido Alberto Caeiro, e sabendo que se trata de um “heterônimo”, isto é,

1 Ver “Carta sobre a gênese dos heterônimos”, na seção “Documentos”, p. 121.

de uma personagem de ficção, inventada por um escritor muito imaginativo chamado Fernando Pessoa, o leitor terá curiosidade de conhecer os demais heterônimos; terá interesse em saber se, para além das diferenças, existem semelhanças e afinidades; se é válido relacionar essas personalidades fictícias à personalidade do seu criador; e se por acaso haverá um denominador comum a todos eles. A maioria dos leitores não se satisfaz em ler só “alguma coisa” do grande poeta: todos querem ler mais. O propósito deste livro é começar (e começar bem) por Alberto Caeiro. Antes, porém, de entrar na nossa matéria, convém situar Fernando Pessoa no seu tempo, dedicando a essa questão os dois tópicos seguintes.

Uma nação em crise

Nascido em Lisboa, em 1888, Fernando Pessoa tinha menos de 2 anos quando Portugal sofreu uma das maiores humilhações de sua história, no episódio conhecido como *Ultimatum*², de 11 de janeiro de 1890. Nessa data, a Grã-Bretanha exigiu que os portugueses retirassem imediatamente as tropas que mantinham na região do Xire, na África; caso contrário, declararia guerra ao país. Apesar dos protestos populares e da onda de indignação, o governo português não teve alternativa senão obedecer. Vale a pena deter a atenção no episódio, pois esse período histórico, que corresponde aos anos de formação do poeta, repercutirá vivamente em sua obra.

Fernando Pessoa
à época do
Ultimatum
(1890), episódio
que abalou
Portugal e
repercutiu na
obra do poeta.



2 *Ultimatum*: forma latina de “ultimato”; exigência ou último aviso, cujo não cumprimento, em uma negociação diplomática, acarretará o fim das conversações e o uso da ação direta.

Largo de São Carlos, em Lisboa, onde Fernando Pessoa nasceu, em 1888. (Foto da época.)



De um lado, é preciso ver na belicosa arrogância inglesa um recado dirigido não propriamente a Portugal, mas à Itália, à França e à Alemanha, que disputavam com a Inglaterra a hegemonia internacional. O móvel não era outro senão a ganância imperialista voltada para as ricas possessões que esses países detinham na África e no Oriente. Estava assim armado, aliás, o cenário político-econômico em que se deflagraria a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. De outro lado, o episódio acentuava a ironia da situação. Os portugueses sabiam muito bem que, num tempo remoto (entre 1415, quando se deu a tomada de Ceuta, na África, início da expansão marítima portuguesa, e 1580, começo do domínio espanhol), Portugal tinha erguido um dos maiores impérios do mundo moderno, tornando-se nação poderosa e respeitada em toda a Europa. Desse modo, o Ultimatum inglês torna evidente que a outrora grande nação portuguesa se reduzira, no final do século XIX, a simples carta fora do baralho no jogo de dominação em que as nações europeias se engalfinhavam.

O consolo é que, graças a isso, o país não se envolveu na disputa entre as grandes potências e escapou praticamente ileso dos horrores da Primeira Guerra Mundial. Mais ainda: esqueceu logo, no plano internacional, a humilhação do *Ultimatum*, reatou relações diplomáticas com a Inglaterra, vindo a figurar como país aliado, e pôde assim preservar as colônias que possuía, na África e na Ásia. Após o conflito, Portugal continuou a se beneficiar da aliança com a Inglaterra e do afluxo de capitais estrangeiros, que fugiam de uma Europa abalada pela guerra. Mas, no plano interno, a humilhação imposta pelos ingleses, em 1890, havia deixado marcas profundas.

Uma das consequências imediatas foi o acirramento das lutas antimonárquicas, provada que estava a falência política, econômica e militar do Velho Regime. Mas podemos recuar um pouco. Já no início do século XIX, o liberalismo dos primeiros românticos — Almeida Garrett (1799-1854) e Alexandre Herculano (1810-1867) à frente — havia tentado insurgir-se contra o absolutismo monárquico; mais adiante, por volta de 1865, os realistas, liderados por Antero de Quental (1842-1891) e Teófilo Braga (1843-1924), também se lançaram contra os privilégios da realeza, mas foi preciso um *Ultimatum*, vindo de fora, para levar a revolta a seu ponto máximo e promover a queda da Monarquia.

O velho regime começou a ser derrubado no dia 1^a de fevereiro de 1908, quando um fanático republicano se aproximou da carruagem real, que retornava de Vila Viçosa a Lisboa, e fuzilou à queima-roupa dois dos seus ocupantes: o rei dom Carlos (1863-1908) e o príncipe herdeiro Luís Filipe (1887-1908). A comoção foi geral, os ânimos se exaltaram e durante dois anos o país viveu em clima de desordem. Finalmente, no dia 5 de outubro de

Barricadas republicanas nas ruas de Lisboa, em 1910.





Sidônio Pais, presidente de Portugal de dezembro de 1917 a dezembro de 1918.

1910, foi proclamada a República. Mas os ânimos estavam longe de serenar. Apesar de vitorioso, o movimento republicano enfrentava, no Parlamento, uma cerrada oposição monarquista, cujos adeptos, em grande número, ao se darem conta da fragilidade do novo regime, passaram a lutar abertamente pela volta à Monarquia.

Vários governos provisórios se sucederam, uns mais liberais, outros mais conservadores, uns relativamente bem-sucedidos em termos de composição política, outros desastrosos e violentos, chegando ao poder pela força e sendo daí alijados também pela força. No dia 14 de dezembro de 1918, por exemplo, um fanático monarquista decidiu vingar a morte do rei dom Carlos, assassinando o então presidente da República, Sidônio Pais (1872-1918), um militar, ex-ministro das Finanças. A comoção foi quase tão intensa quanto a do atentado que pusera fim à Monarquia. (Dois anos depois, Fernando Pessoa, já na maturidade dos seus 32 anos, escreverá um longo poema de teor místico e nacionalista, intitulado “À memória do presidente-rei Sidônio Pais”).

Portugal era um país dividido, mergulhado em uma crise institucional sem precedentes, que se arrastava fazia mais de dez anos e parecia destinada a durar indefinidamente. Durou até 28 de maio de 1926. Nessa data, a vitoriosa revolução liderada pelo general Gomes da Costa (1863-1929) deu início ao que se chamou República Unitária e Corporativa, que começou por substituir a Constituição liberal-democrática por outra, de feição autoritária. Em 1932, Antônio de Oliveira Salazar (1889-1970), ministro das Finanças desde 1928, foi designado para o cargo de “presidente do Ministério”, deu forma claramente ditatorial ao regime, agora designado por Estado Novo (inspirado no fascismo italiano e no

nazismo germânico³), e chamou para si todo o poder, que exerceu com mão de ferro por várias décadas.

O país viveu, a partir daí, um longo período de ordem, estabilidade econômica e austeridade, graças à exploração sistemática das colônias africanas, à supressão das liberdades individuais e, na prática, à extinção dos partidos e agremiações que ameaçassem contestar o regime. Mas, desse longo período, Fernando Pessoa só conheceu o momento inicial, pois morreu em 1935, aos 47 anos.



A Águia, Orpheu, Presença

O Ultimatum inglês tinha desencadeado uma forte onda de insegurança e pessimismo, mesclada de sentimento saudosista, que induziu os portugueses, deprimidos diante do Portugal de então, a buscar consolo e inspiração nas glórias do passado, a fim de contrabalançar o pessimismo pela arregimentação do espírito cívico em torno da tarefa de reconstruir o país, nos moldes do grande império erguido na época dos descobrimentos. Tal espírito encontrou seu porta-voz no poeta e pensador Teixeira de Pascoais (1877-1952), autor de uma filosofia genuinamente portuguesa: o saudosismo, baseado na metafísica⁴ da saudade. Esse pensamento foi amplamente divulgado por meio de

A última foto de Fernando Pessoa, tirada em 1935, ano de sua morte.

3 **fascismo:** regime que vigorou na Itália de 1922 a 1945, caracterizado pela ditadura de um partido único, sob o comando de Benito Mussolini (1883-1945); **nazismo**, ou nacional-socialismo: ideologia nacionalista e racista que prevaleceu na Alemanha entre 1933 e 1945 e teve como líder máximo Adolf Hitler (1889-1945). Nazistas e fascistas se aliaram, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em seu propósito de dominar a Europa e o resto do mundo, tendo sido combatidos e derrotados pelas forças democráticas, representadas principalmente pela Inglaterra e pelos Estados Unidos.

4 **metafísica:** do grego antigo *metà*, “além de, depois de”, e *physis*, “natureza ou física”, significa, portanto, algo como “além da natureza”. Trata-se de um conceito fundamental à filosofia. (N.E.)



Capa de *A Águia*, revista em que Fernando Pessoa estreou como crítico literário, em 1912, aos 24 anos.

panfletos, conferências, artigos e livros, e acabou assumindo a forma de movimento literário e social, designado por Renascença Portuguesa, cujo órgão oficial foi a revista *A Águia*, dirigida por Pascoais de 1910 a 1916.

Foi exatamente em um dos primeiros números dessa revista que Fernando Pessoa fez sua estreia literária, não como poeta, mas como crítico. Entre abril e novembro de 1912, aos 24 anos, Pessoa publicou aí dois artigos, em que analisa “A nova poesia portuguesa”, isto é, a poesia inspirada no movimento da Renascença Portuguesa e no saudosismo. Tais

artigos chamaram a atenção pelo extremo rigor lógico da argumentação, pelo vigor do raciocínio, repleto de paradoxos, e pelo tom intrigantemente profético.

Pessoa defende neles a tese de que a decadência das instituições constituía o mais forte indício de que estava por surgir um poeta de grande envergadura, um “supra-Camões”, destinado a sobrepujar o autor de *Os lusíadas*. Esse poeta máximo, de acordo com a “profecia” pessoana, seria o criador de uma obra poética grandiosa, capaz de sintetizar a excelência da alma portuguesa, então dispersa e estagnada, dando início a uma nova era de bem-aventurança. Muitos julgaram que Pessoa se referia à figura carismática de Teixeira de Pascoais; já outros entenderam que o jovem estreante imodestamente anunciava a sua própria e iminente aparição como poeta.

O fato é que a doutrinação da Renascença Portuguesa era demasiado tradicionalista e conservadora para atrair Fernando Pessoa por muito tempo. Ele logo se afastou da revista *A Águia*, ligou-se a escritores e artistas plásticos de sua geração — Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), Almada

Negreiros (1893-1970), Luís de Montalvor (1891-1947) e outros — e, com eles, revolucionou a cultura portuguesa, lançando a revista *Orpheu*, em 1915. Só então, em termos literários, Portugal ingressou no século XX, entrando em sintonia com o expressionismo, o futurismo, o cubismo, o surrealismo e outras correntes de vanguarda.

A intenção do grupo de *Orpheu* é ostensivamente chocar, agredir a mentalidade burguesa e a acomodação cultural e estética a que o país se entregara, depois do grande surto inovador promovido pela geração realista, na segunda metade do século XIX. Fernando Pessoa teve papel decisivo, nessa altura, sobretudo através da figura rebelde do heterônimo Álvaro de Campos.

Orpheu teve apenas dois números (o terceiro ficou no prelo⁵), mas foi o suficiente para mudar os rumos da literatura portuguesa. Tão rapidamente como se formou, o grupo se desfez: Sá-Carneiro, poeta e ficcionista, suicidou-se em Paris, em 1916; uns partiram para o exterior, outros se recolheram à criação da própria obra. Pessoa ainda tentou sustentar o movimento de rebeldia, fundando ou ajudando a fundar outras revistas, similares, mas nenhuma delas conseguiu reeditar o impacto provocado por *Orpheu*. Nem era preciso. A arte de vanguarda tinha sido introduzida com escândalo em Portugal, e não era mais possível voltar atrás.

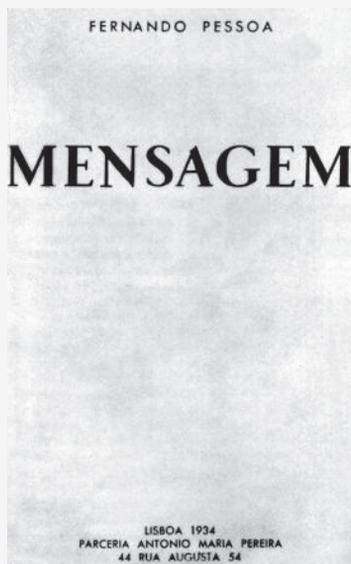
A geração que vem logo a seguir — João Gaspar Simões (1903-1987), José Régio (1901-1969), Miguel Torga (1907-1995), Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) —,



Orpheu

Capa do primeiro número de *Orpheu*, revista literária que introduziu o modernismo em Portugal.

5 **prelo:** máquina impressora. Neste caso, compreende-se que o terceiro número de *Orpheu* não chegou a ser impresso. (N.E.)



Capa da primeira edição de *Mensagem* (1934), único livro em língua portuguesa publicado por Fernando Pessoa.

além de consolidar as conquistas modernistas, franqueou as páginas de sua revista, a *Presença* (que teve longa duração, de 1927 a 1940), a Fernando Pessoa, reconhecendo-o desde logo como poeta maior. Com isso, esse periódico será responsável pela divulgação de boa parte da poesia e da prosa pessoanas. Dois dos seus diretores, Casais Monteiro e Gaspar Simões, produzirão os primeiros estudos críticos sobre o poeta e trocarão com ele uma longa correspondência, que passará a constituir importante documento para a compreensão de sua obra⁶. A segunda geração modernista portuguesa, em suma, colabora decisivamente para firmar o prestígio de Fer-

nando Pessoa como um dos maiores escritores de Portugal no século XX, em um momento em que ele ainda não havia publicado nenhum livro em língua portuguesa. *Mensagem*, o único que publicou, só chegou ao prelo em 1934, um ano antes de sua morte.

Delineado o cenário em que Fernando Pessoa viveu e em que criou sua obra⁷, podemos agora concentrar a atenção na figura do heterônimo Alberto Caeiro.

O poeta-pastor

De que tratam ou de que nos falam os poemas de Alberto Caeiro? Resposta: da natureza ou da paisagem rural. Caeiro se apresenta como um “guardador de rebanhos”, isto é, um pastor, e cada poema seu equivale a um flagrante da sua vida diária, em estreito contato com as pedras e as plantas; as árvores, as flores e os riachos; o sol, a chuva, o vento, as

6 Ver na seção “Documentos”, na p. 121, uma das cartas que Pessoa dirigiu a Adolfo Casais Monteiro.

7 Consultar também o “Resumo biográfico”, na p. 141.